
verde

HENRIQUE DE RESENDE
MARTINS MENDES
GUILHERMINO CESAR
F^{co}. INACIO PEIXOTO
ROSARIO FUSCO

1

ASCÂNIO

(1907-1928)

Mario de Andrade	Vitoria Regia
Maria Clemencia	Linoleum
José Americo de Almeida	Mensagem ao Grupo Verde
Carlos Drummond de Andrade	Ascânio Lopes na Rua da Bahia
Norah Borges	Desenho
Rosario Fusco	Ascanio Lopes
Antônio de Alcântara Machado	Indirecta
Peregrino Junior	O espiritado
Murillo Mendes	Canto Novo
Ascenso Ferreira	O Verde
Ildefonso Pereda Valdez	Elogio de Voronoff
Martins Mendes	Ascânio Lopes
Guilhermino Cesar	Ascânio
Ascânio Lopes	Inéditos
Francisco Inacio Peixoto	Ascânio
Walter Benevides	Aspiração
Henrique de Resende	Poema para Manoel Bandeira
Carlos Chiacchio	O mal do parnasianismo

TOPICOS E NOTICIAS

TRISTÃO DE
ATHAYDE

estudos

ed.
Terra de Sol
1928

GUILHERMINO CESAR
E
Feo. I. PEIXOTO

meia
pataca
(poesia)

verde
1928

ALVARO
MOREYRA

CIRCO
(poesia)

PIMENTA
DE MELLO E Cia.
1929

ROSARIO
FUSCO

fruta
de conde
(poesia)

verde
1929

ANTÔNIO DE
ALCÂNTARA MACHADO

LARANJA
DA
CHINA
(contos)

S. Paulo
1928

MARIO
DE
ANDRADE

ENSAIO SO-
BRE A MUSI-
CA BRASILEI
RA

S. Paulo
1928

NUMERO I

verde

segunda

ANO I

f a s e

redação
coronel vieira, 53
cataguazes

ASCANIO

Este é o numero de Ascanio Lopes.

Lonje de ser um numero de tristezza plégas é de uma comovedora alegria para nós. Alegria comovedora de ainda se poder prestar ao amigo e ao poeta uma homenagem de fina intelljencia.

Tardia ou não aí está a homenagem.

Não seria o atraso de sessenta ou noventa dias que vlesse deslustrar o nosso prelo áquele que já se integrou na eternidade das cousas.

Ascanio sente, neste numero, em derredor do seu nome, os mais brilhantes nomes da Intelljencia nova do Brasil.

Todos aí estão com um grande e alto pensamento para ele, para a sua memoria — fãõ grata a quantos o podéram sentir na sua arte ingenua de menino-e-moço.

Ele vive nestas paginas — mais vivo do que nunca—sentindo a comovedora alegria dos seus irmãos, que, hoje, finalmente, lhe dedicam um numero da revista que ele tanto amou — a *noivinha imaginaria* do poeta distante ...

H E N R I Q U E D E R E S E N D E



“MOYSÉS SALBADO DE LAS AGUAS”

Linóleum de MARIA CLEMENCIA

VITORIA-REGIA

RIO NEGRO, 7 DE JUNHO

Às vezes a água do Amazonas se retira por detrás das embaúbas e nos rincões do silêncio forma lagoas tão serenas que até a bulha dos cacauês despenca do ar e afunda nela. Pois é nessas lagoas que as vitorias-regias param, calmas, tão calmas! desterradas na felicidade.

Eu vi as vitorias-regias da lagoa do Amanium..

Feito bolas de cáucho engruvinhadas espinhentas as folhas novas chofram do espelho imóvel, porém as adultas sabidas, abrindo a placa redonda se apoiam nagua e escondem nela a malvadeza dos espinhos. Tempo chegado os botões chofram também pra fora dagua. São ouriços espinhentos em que nem inseto pousa. E assim vivem e espigam esperando a manhã de serem flor.

Afinal numa arraiada o botão da vitoria-regia arreganha os espinhos, se fende e a flor enorme principia branquejando a calma da lagoa. Petalas brancas vão aparecendo brancas brancas em porção, em pouco tempo do dia a flor enorme abre um mundo de petalas brancas, petalas brancas e perfuma os ares indolentes. Um cheiro encantado leviano balança, um cheiro chamando, que deve de enebriar sentido forte. A gente rema e pega a flor. Pois então as sepalas espinhentas mordem danadas e o sangue escorre em vossa mão. O caule também espinhento ninguém não pode pegar, carece corta-lo com a pageú e enquanto a flor boia nagua agarrar pelas petalas puras porém já estragando um bocado.

Então a gente limpa o caule dos espinhos e pode cheirar a flor. Mas aquele aroma gostoso que encantava bem, de longe, não sendo forte de perto, é fugitivo e dá nauseas, cheiro ruim.

Já então a vitoria-regia principia roseando toda. Rosea rosea fica toda cor-de-rosa, chamando de longe com o cheiro gostoso, bonita cada vez mais. E' assim. Vive o dia inteiro e sempre mudando de cor. De rosea vira encarnada e ali pela boca-da-noite ela amolece envelhecida as carreiras de petalas roxas.

Em todas essas cores a vitoria-regia, a grande flor, é a flor mais perfeita do mundo, mais bonita e mais nobre, é sublime. E' bem a forma suprema dentro do aspeto de flor.

Noite chegando a vitoria-regia roxa toda roxa já quasi no momento de fechar outra feita e morrer, abre afinal com um arranco de velha as petalas do centro, fechadas ainda, fechadinhas desde o tempo de botão. Pois abre e lá do coração nupcial da grande flor, inda estonteado pelo ar vivo, mexemexe remelento de polem, nojento, um bando repugnante de bezouros cor-de-chá.

E' a ultima contradição da flor sublime...

Os nojentos partem num zumbido mundo fora, manchando de agouro a calma da lagoa adormecida. E a grande flor da Amazonia, mais bonita que a rosa e que o lotus, encerra na noite enorme o seu destino de flor.

MARIO DE ANDRADE

MENSAGEM AO “GRUPO VERDE”

(Em prosa)

Eu sonhei com vocês: todo o Brasil espiando pra Cataguazes e Cataguazes dando as costas a vocês.

Cidade pequena é assim mesmo. Tem raiva de quem fica maior do que ella dentro della.

Vocês, poetas de cidade pequena (grupo n. 4) fizeram de Cataguazes uma cidade grande. Porque é grande tudo que se vê de longe, inclusive certas coisas pequenas.

Queiram bem a Cataguazes que não quer bem a vocês. Cataguazes é pequena, mas vocês só são grandes porque são poetas de Cataguazes.

José Americo de Almeida

Parahyba do Norte

ASCANIO LOPES

NA RUA DA BAHIA

MARIA-
CLEMENCIA

A passagem de Ascanio Lopes pela rua da Bahia é o unico capitulo da sua vida que eu conheço e este capitulo me enche de saudade.

Uma noite Martins de Almeida contou-me que descobrira um poeta na pensão onde morava: era de Cataguazes e escrevera um poema excellente sobre a sua terra natal. Logo depois Emilio Moura levava o poema ao "Diario de Minas", publicando-o com palavras de admiração.

Foi esta a primeira coisa de Ascanio Lopes que se publicou (6 de março de 1927) e é das melhores que ha nos "Poemas Cronologicos."

Apresentado a Ascanio, elle sorriu para mim com timidez, disse duas ou tres palavras só. Fiquei gostando desse moço com quem seria incapaz de manter uma longa conversa (e daí, para que uma longa conversa) mas em quem enxergava uma alma finamente colorida, meiga, séria e encharcada de poesia. Não pretendo entender muito de almas; julgo porém ter encontrado desde o primeiro dia a chave desta, que por pudor nunca cheguei a abrir. Deste modo, distante mas realmente perto de Ascanio, eu fui dos seus amigos mais certos.

Era ainda naquelle tempo (bom tempo) em que se tomava cerveja e até mesmo café com leite na Confeitaria Estrella. Entre dez e onze horas o pessoal ia apparecendo e distribuindo-se pelas mesinhas de marmore. Discutia-se politica e literatura, contavam-se historlas pornographicas e diziam-se besteiras, puras e simples besteiras, angelicamente, até se fechar a ultima porta (você se lembra, Emilio? Almeida? Nava?). Ascanio chegou quando o Estrella já entrara em decadencia e nas melancolicas mesinhas o mosquito comia o assucar derramado sobre as ultimas caricaturas de Pedro Nava. Cada vez se bebia menos cerveja e diziam-se pouquissimas besteiras sinceras. Não chegou a conhecer alguns dos typos mais curiosos da fauna desse café historico, como por exemplo o sargento João Carlos, gordo, poeta e káki, collaborador assiduo do "Trabalho" de Espirito Santo do Pinhal, que não podia comprehender porque motivo eu nunca lhe dera boa noite (nós nunca fomos apresentados um ao outro, meu bravo sargento). Conheceu apenas os ultimos abencerragens e como não era homem de grande commercio verbal, nem sempre participava dessas farras ingenuas. O que não quer dizer que não fosse bohemio e soube depois que o era muito.

Passava tempos sem vel-o. Era esquivo e filtrava-se entre as arvores da rua. Dizem que optimo trabalhador. Na Secretaria do Interior, 6ª secção, fala-se muito bem do funcionario Ascanio Lopes. "Deve ser computado para aposentadoria o tempo em que a professora serviu como interina ou provisoria," concluiu elle numa *informação* que o chefe achou util publicar, porque bem feita e esclarecedora do assumpto. Na Inspectoria da Instrucção há a caneta com que elle escrevia, papeis que guardam a sua letra, recordações diversas de Ascanio, funcionario que deixava a poesia no cabide, com o chapéo, ao contrario de outros que só deixam o chapéo e fazem poesia na hora do expediente.



1924 - Norah Borges

MARIA CLEMENCIA, por Norah Borges

Dizem tambem que máo estudante, ou por outra, estudante displicente, mas isso só serve para augmental-o na minha estima. A nossa Escola de Direito não é melhor nem peor do que a commum das escolas, de direito ou não, que não dão gôsto nenhum de serem frequentadas. Mesmo assim Ascanio teve pachorra (ou malicia) bastante para imaginar uma these, "O direito da familia sobre o cadaver," cujo titulo suspeito dá idéa antes de uma blague juridico-literaria, um pouco funebre.

Bom funcionario, máo estudante, bom poeta... A rua da Bahia não conheceu bem Ascanio Lopes, que passou por ella como um automovel. Eu mesmo já tive occasião de dizer, ha annos, num poema que provocou geral indignação, apezar de ser perfectamente insignificante: ha os que sobem e ha os que descem a outrora famosa via publica. Os que sobem gloriosos e applaudidos e os que descem obscuros e silenciosos. O auto de Ascanio desceu com o pharol apagado, sem businar, e desceu para sempre.

18 março 1929

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

ASCANIO LOPES

Magro e comprido. Os olhos prêtos cavados entre olheiras funereas-quasi enormes, a cabeleira crêspa e revôlta, jaquetão azul escuro, chapéu na mão, bengala e pasta, a passos lentos um môço desce a rua do Sôbe-desce, caminho da Praça de Santa Rita.

Este môço é o nôvo fiscal da Escôla Normal, Ascânio Lopes.

—Hoje estou bem triste, Fusco. Fui obrigado a reprovar duas meninas no ultimo âno do curso ! Você si o conhecesse, António de Alcântara Machado, não adivinharia melhor.

Êle era, antes de tudo, um Bom. Aliás todo mundo que dêle se aproximasse adivinhal-o-ia imediatamente.

Humilde e modesto, como os modestos e humildes, facilmente se entregava.

Porquê sua maior virtude era a sinceridade.

Sinceridade, coitadinho, até no sofrimento.

Um dia olhando prá mesinha cheia de vidros ainda por abrir, perguntei :

—Não toma remedio não ?

Não respondeu. Porém me olhou tão fundo que naquêle momento daria tudo pra não ter me olhado assim.

È que êle já sabia.

“Eu sei... Eu sei.....”

Mas, não chôro.

—O pranto é amargo e inutil

e em vão nosso clamor tenta alcançar os céos.

Nem desespero,

—de nada vale o desespero ante as coisas irremediaveis.”

Nas minhas varias visitas á sua casa onde raramente chegava um ou outro cartão de seus amigos de fóra, jamais teve uma palavra de rancor pra esses amigos. Pelo contrario.

Com estas palavras, de uma comovedora serenidade, começava o discurso que escrevêra pra parainfagem das normalistas de 1928 :

“Feliz quem como eu tem forças para na amargura alegrar-se com a alegria alheia.”

Mas nós tambem sofrêmos com você, Ascânio. Não acredita ?

ROSARIO FUSCO

INDIRECTA

Vocês pode ser que não tenham medo, que estejam muito sossegados. Mas eu ? Eu tenho pavor. Eu estou vendo o perigo. Eu sinto o desastre sem remedio. Será preciso começar de novo. Começar mais uma vez. Não pela primeira ou segunda. Então a lembrança do êrro poderá ser uma lição mas será fatalmente uma carga a mais para deitar fóra. Sem contar o desânimo de quem depois de andar muito percebe que andou errado. E se o certo estava no fim de outro caminho e o principio dos caminhos é o mesmo com que cara suada e desconcertada a gente fará meia-volta ? E a vaia das galerias ? E o gôzo dos contrários ?

Por isso é que eu digo : é bom parar um

pouco e ver se a estrada não tem rastos. Eu acho que tem e bem antigos. Haverá quem discorde. Não custa ver.

A laranja é bonita, viva a laranja, a laranja amarela a árvore verde : ai Brasil, tudo isso já se disse e se repetiu tantas vezes, tantas vezes.

Bonito para nós é não discursar e chupar a laranja.

Cito palavras do meu amigo e cliente Bernardo De Bernardi :

—Meu filho está estudando pra futurista.

ANTÓNIO DE ALCÂNTARA MACHADO

AS 7 TROMBETAS MISTERIOSAS

Aquillo foi apertando meu peito enfermo e meus pobres pulmões carunchados. O ar faltava. De repente, percebi que eu estava diminuindo, diminuindo, até que ficára apenas uma rodilha de dores.

O quarto e o leito lavrado desapareceram e eu ficára imóvel no ar, onde ia adormecer para sempre. Subito soaram sete trombetas a arrebutarem meus ouvidos com o seu clangor misterioso. Olhei para o alto e sete bruxas de mãos dadas brincavam uma ciranda infernal. E do meio da roda foi crescendo, terrivelmente, um esqueleto branco, todo branco. As bruxas asquerosas desligaram as mãos findando a ciranda e então vi perfectamente que o esqueleto era a Morte. E ela vinha vindo de foice como nas gravuras, lentamente para mim. A minha alma ficou pequenina. Gritei covardemente :

Não! não quero morrer! Não posso morrer! Tenho ainda muita coisa a escrever !

As bruxas riram grotescamente e uma delas sentenciou alvarmente : a gloria é illusão !

Eu ainda não vi a vida, covardes! gritei.

Mas a Morte inexoravel já me alcançara. E as bruxas rodeavam-me. Seus braços viscosos e nojentos ansiavam focar-me.

Mas a foice do esqueleto já ia dar-me o golpe.

Gritei no ultimo desespero :

Não! não me leves! Eu não posso deixal-A!

E gritei o nome do meu amôr. Imediatamente ùa mão branca que eu conhecia bem afugentou as bruxas que foram praguejando horripavelmente. A morte sumiu-se. Acordei tremendo. Alguem enxugava o suor frio da minha testa.

E perguntou-me :

—V. estava sonhando comigo, meu amôr ?

A S C A N I O L O P E S

RECORDAÇÕES DA TERRA VERDE

(Rio Anabijú, Março, 28, de 1918.)

“ O ESPRITADO ”

— P'ra donde tu vaes, Zeferino ?
 — Vou allí já volto.
 — Hoje não é dia de trabalho não, menino!
 — Não vou trabalhar não, minha mãe! Vou só ao varador preparár a armadilha.
 — Sexta-feira da paixão! Virgem Nossa Senhora!
 — Amanhã é sabbado da Alleluia e nós precisamos quebrar o jejum...

A montaria escorregou macia no tijuco, banzou de bobuia em cima d'agua. Zeferino pulou p'ra dentro, n'um salto agil, com o leque do jacuman na mão. Deu um empurrão na calcára, afastou-se ligeiro para o perau do rio e, com remadas rapidas, sumiu-se no meio do “furo”-chuá-chuá-chuá...

D. Marocas ficou em casa mattutando. Sexta-feira Santa não era dia de se caçar não. Era pecado matar bichos na Sexta-feira Santa. N'aquelle dia os judeus haviam matado Nosso Senhor... Quando seu Valentim chegou da matta, com caichos de assahy ás costas, estacou de espanto.

— Apóis, Zeferino teve coragem de ir caçar no dia de hoje!

— Se teve!...

— E' capaz de topar com o Curupira.

— Ainda, outro dia, nha Fulô me contou o “causo” d'um moço que foi pescar na sexta-feira da paixão e topou com a mãe d'agua.

— Abusões!

Quando a montaria abicou no tijuco, de outro lado do iguapé, Zeferino pulou para um pau grande, delatado na barranca, que servia de ponte. Subiu para a matta, atolando-se na lama, agarrando-se nos mattos, com o rifle nas costas. Entregou a Alma a Deus, e penetrou no mattão fechado.

Não estava com medo não. Mas caminhava hesitante, com sobroço. As sombras do crepusculo esmagavam a floresta. O canto sinistro das aves nocturnas povoava a solidão de assombrações e agouros.

Sem olhar para traz, com o coração aos pulos, escolheu uma boa forquilha de pau e preparou a armadilha, sapecando na espingarda uma grossa carga de “escumilha”. Ao menor estalido de folha arrepiavam-se-lhe os cabellos, e um frio estranho corria-lhe pela espinha.

Mêdo? Mas elle nunca tivera mêdo de nada!...

A luz hesitante da lua cheia escorria pelos galhos espessos da matta, sem clarear o chão. Os troncos secos,

emtraçados de cipó e embiras, erguiam-se para o

céo, no labirintho do matto verde, como esqueletos sinistros.

N'aquelle scenario aterrorador, Zeferino experimentou uma sensação estranha. Mêdo! Mas um mêdo que elle nunca sentiu, um mêdo não sabia de que. Cerrou os olhos, transido de terror. O pica-pau martelava no quiriri da noite. Uma gargalhada estraçalhante de coruja abalou tragicamente o silencio negro da floresta. Zeferino deu um grito e desembestou na carreira, n'uma allucinação, para a beira do igarapé, onde amarrou a montaria.

Na precipitação da fuga, tocou no cipó destendido da armadilha.

— Trac-pum!

Um grito damnado de dor. Um bruto baque no chão. E Zeferino cahiu, a carga de chumbo na perna direita, estrebuchando na lama viscosa da matta. Cahiu que nem palmeira torada pelo corisco.

E a noite negra, cheia de assombrações, veio enconral-o sem sentidos, atolado na lama, sob a allucinação pisca-pisca dos vagalumes.

Em casa de seu Valentim foi uma noite uovi-mentada de attribuição. Com fachos nas mãos, metteram-se todos dentro d'uma montaria e foram procurar Valentim na floresta. Rezando a “Salve Rainha” até “nos mostrai”, erraram a noite toda por “furos” e varadouros, por veredas e atoleiros, e só de madrugada, com os primeiros clarões do sol, foi que, caminhando por uma cafeperra na direcção d'um longinquo gemido, foram encontrar Zeferino n'uma poça de sangue, atolado na tijuco, ao lado do mundé.

— Castigo de Deus!

— Seu Valentim está p'ra dár café!

Desde aquelle dia Zeferino estava á morte.

Não houve mezinha que lhe dêsse geito. Nem o pagé que chamaram conseguiu curar-lhe a ferida. Não havia mais esperança. Os parentes se reuniram todos em casa de seu Valentim. Fatalistas instinctivos, quando ouviram o ferido ardendo em febre e a ferida resistir aos primeiros remedios, o abandonaram aos azares do Destino.

— Se tiver de morrer, ninguém o salva!

Resolveram então esperar. O que tivesse de acontecer, aconteceria. E com resignação e serenidade esperaram a morte de Zeferino.

Os caboclos, escorados no portal ou sentados pelos recantos da casa, “faziam quarto” ao moribundo.

Uma vez por outra, o café corria a roda. O silêncio mysterioso das solidões amazonicas apagava os ruidos tristes da casa humilde. De quando em vez, a dor de um gemido arquejante dava balanços monotonos na rêde do moribundo. Não havia mais duvida: Zeferino ia mesmo morrer.

— Xincuan já cantou no terreiro !

Ha muito o passaro presago cantava horas a fio o seu canto de alegria:—Têê-têê... No dia em que Zeferino adoeceu, porém, o bicho cantou como um agouro o seu canto de morte.

—Xi-cu-an...

—T'escunjuro !

Xicuan viera avisar. Zeferino ia morrer.

Morreu.

Entre velas de carnaúba, o morto jazia no meio da sala estreita. O velho Valentim approximou-se, com uma lentidão pesaroza, levantou o lenço de alcobaça que cobria o rosto livido do filho e articulou um palavriado

singelo de despedida. Depois, apertou a mão enregelada do defunto e exclamou a phrase classica d'aquella cerimonia cabocla :

—Adeus, Zeferino ! até á outra vida !

Os demais parentes repetiram, com exactidão lithurgica, a despedida selvagem, dizendo as mesmas phrases sacramentaes.

—Adeus, Zeferino ! Até á outra vida !

O enterro partiu.

Os que ficaram em casa, contentes de ficar!— vindo a montaria que levava o caixão sumir-se na curva verde do igarapé grande, atiravam-lhe de longe mãos cheias de terra. E a supetição de todos gritava como uma só bocca :

—Adeus, Zeferino ! fica-te por lá mil annos e deixa a gente em paz !

— E de que morreu o Zeferino, Malaquias ?

—Apois, o "muço" não sabe não ?

—Dis que... um tiro de armadilha ?

—Achi ! quá armadilha, quá nada, meu branco !

Foi mau espirito ! Zeferino desde que foi caçar na sexta-feira santa, ficou possuido d'um mau espirito ! Sabe como é ? Espiritado, patrão !

PEREGRINO JUNIOR

CANTO NOVO

O espirito suspende a lampada do encanto
no terraço do mundo.

Fórmias dormindo

carnes na sua verdadeira atitude

quem definirá a estrela da manhã

sem a influencia de córpos multiplicados

tapando a vista dos problemas celestiaes ?

Luz eterna sobre a materia

noite sobre o espirito

nascimento de ideias multiplas

na arquitetura do previsto,

menina que vira flôr

substancia que vira abstração

canto que vira dança

deus que morre numa cruz pra variar de essencia

tudo me invoca pra ultrapassar minhas dimensões

ó elasticidade da minha memoria

ó eternidade !

M U R I L L O M E N D E S

O “ VERDE ”

Meu boi surubim a serra está cachimbando!
Inda hontem de tardinha sabiá estava cantando
Aquella moda que parece uma cantiga de ninar!

—Aquella moda que parece uma cantiga de ninar:

—Chove chuva
pra nascer capim,
prô Boi cumer,
prô boi sujar,
pra sabiá ciscar,
pra fazer seu ninho,
pra pôr seus ovos,
pra crias seus filhos,
chove chuí. .váááá!

No peito das vacas mansas o leite estava minguando!
Os meninos lá por casa, coitados, se lastimando.
todos elles á mãe delles só pedindo pra mamar!

—Todos elles á mãe delles só pedindo pra mamar!

O Riacho-do-Navio torrado estava ficando!
No cercado palmatoria depressinha se acabando!
Daqui a trez-15-dias grande era nosso penar

—Daqui a trez-15-dias grande era nosso penar!
Porem meu boi surubim a serra está cachimbando!
O “Verde” ja vem ali pois sabiá estava cantando
aquella moda que parece uma cantiga de ninar!

—Aquella moda que parece uma cantiga de ninar!

—Chove chuva
pra nascer capim,
prô boi cumer,
prô boi sujar,
pra sabiá ciscar,
pra fazer seu ninho,
pra por seus ovos,
pra criar seus filhos,
chove chuí...váááá!

A S C E N S O F E R R E I R A

ELOGIO DE VORONOFF

Si Voronoff y Fausto se hubieran conocido, gran amistad entre ambos naciera. Como sabios, y colegas, al principio, muy cerimoniosamente, platicarían de problemas de rejuvenecimiento; luego irían a beber unas copas juntos a la taberna de Auerbach, y allí muy melancólicamente, Fausto le contaría a Voronoff, sus apetitos insatisfechos de sabio libresco, que pasó toda su vida entre libros de magia y astrología, sin haber gozado nunca, del placer de acariciar entre sus manos unos senos frechos de muchachita en flor, Fausto, soñando con una margarita no deshojada, se asemejaría bastante a un mono melancólico y lascivo, cuyos ademanes pornográficos causan asco. Y sería, de contemplar, como el grave Doctor Fausto, iba perdiendo su seriedad doctoral para platicar, como un simple mozo de mulas, ante el apetito que le provoca unas piernas regordotas de campesina.

Hasta tanto llega la pobreza vital, del doctor Fausto, que dejó transcurrir su existencia, entre lecturas astrológicas y calculos matematicos!

Voronoff, ante el doctor Fausto se sentiría un poco Mefistofeles.

Al principio vacilaría en hacerle una proposición deshonesta. La vejez del pobre Dr Fausto,

le causaría tanta pena! No tanto la vejez, como su lascivia de viejo. Lo miraría como a un sarmiento reseco. Pero, la tentación entraría funcionar, lentamente, en el alma de Voronoff, y como quien esta seguro de su éxito le empezaría a hablar de la vejez y la juventud, en una especie de sermón, lleno de comparaciones y paralelos. Luego, de la conciliación de ambas cosas: se puede ser viejo de cuerpo, y joven de espíritu, y por último, se puede llegar a rejuvenecer el cuerpo, tratando la atrophia de las celulas, y la arterio esclorosis, con la misma terapeutica, que un simple resfrié. Al final, Voronoff, llegaría de lleno a la cuestión, le hablaría de las glándulas de mono, de sus excelencias de rejuvenecimiento, y Voronoff, que se embarca en un trasatlántico, en compañía de veinte monos, no tendría inconveniente, en embarcarlo al Dr. Fausto, para rejuvenecerle.

Momento final: el Dr Voronoff, le hace firmar un vale con su sangre al Dr. Fausto, cobran dele cien francos por cada día de vida que le proporcione.

El Dr Fausto, no es sino un banquero enriquecido.

ILDEFONSO PEREDA VALDES
Montevideo

ASCANIO LOPES

Nos ultimos dias do meu grande amigo eu fugia d'ele. E porque fugia? Fugia pra não chorar e pra não vê-lo chorar.

Poucas vezes fui visital-o. E como ele me recebia triste! Zangava-se comigo porque eu andava sumido. Não aparecia pra jogar o xadrez... Eu me desculpava como podia. A distancia. As minhas ocupações... Mas não era nada disso não, Ascanio, que me fazia andar sumido. Era a dôr que eu sentia vendo Você magro, ardendo em febre, deitado na sua cama branquinha como a sua alma bôa, sem poder vir comigo pra cidade, pra passear. Eu imaginava, Ascanio, que Você, intinamente, devia sofrer muito quando nós, os seus companheiros, iamos á sua casa visital-o. Depois que nós saiamos o seu pensamento vinha conosco e com Você ficava uma tristeza grande, não era assim, Ascanio? Era assim que eu pensava, e não podia deixar de ser assim. Era assim mesmo porque Você gostava muito de nós. Um dia sua mãesinha (que bôa que ela é!) reparou a minha ausencia e me censurou. E você me defendeu, não foi, Ascanio? Ela mesma foi quem me contou. E eu sei que a sua defesa foi sincera, porque Você nunca deixou de ser sincero e bom. E como eu agradeço a sua bondade, meu amigo, meu bom amigo, meu grande amigo.

MARTINS MENDES

A S C A N I O

Durante a caminhada eu vim pensando na ultima viagem que fizemos juntos. O meu companheiro estava alegre. Alegria sem barulho que se demorava um tempão a perceber nêle. Continuava sorrindo nas mãos da leitura.

Agora olho pro jornal azaranzado. Precisa-se de tudo. Os pequenos anuncios estão recheiados. E eu quasi gritei: careço de um amigo como você, Ascânio, pra viajar, viajar...

Este carro deve conhecer muita historia triste. Desde os que vieram procurar o clima benigno, como você fez, até os que vieram buscar reservas de serenidade, feição marcante da sua vida. Serenidade nascida em outra terra. Armou um contraste com éla pra dar tempo de se desenvolver mais cêdo, que o corpo não queria. Nesse carro Ascânio pensou amargamente um punhado de vezes. E me lembro: aqui mesmo você me contou uma enfiada de coisas bonitas, caminheiras antigas do seu espirito. Não pode levar todas até lá. Também a vida passou na ligeireza.

Iamos pro meio do mundo daquêla crônica sentida. Estranhei os versos dítos pela sua propria bôca. Desde catatauzinho tínhamos as nossas conversas. Não gostava de lêr coisa alguma pra se ouvir. Pois nesse dia leu e até com ternura. Fiquei sem compreender.

Amigo: sua viagem se não foi demorada como esta ao menos deixou na gente imagens bem vivas.

Não quero me lembrar dessas coisas agora. Tenho mêdo. E aquêles olhos de além vida, como você me viu no dia da sua ultima viagem, não me largaram até hoje. Pouco antes de amortecer a expressão dêles você me falou:

—Tenho muita coisa pra te dizer... mas não posso.

Eu não posso também. Vou lêr devagarinho como você gostava um pedaço do *Sanatorio* escrito com a mão cançada.

*“Estes olhos angustiados que me rodeam
--olhos de pae, de mãe, de irmão,
estão cansados da vigilia noturna
e anseiam pela manhã que tarde...”*

*...pela manhã que tarda como o milagre
que êles esperam, mas não virá...”*

A gente adivinha que éla foi obrigada a obedecer.

G u i l h e r m i n o C e s a r

I N É D**SANATORIO**

**Logo, quando os corredores ficarem vazios,
e todo o Sanatório adormecer,
a febre dos físicos entrará no meu quarto
trazida de manso pela mão da noite.**

**Então minha festa começará a arder,
todo meu corpo magro sofrerá.
E eu rolarei ansioso no leito
com o peito oprimido e de garganta seca.**

**Lá fora haverá um vento mau
e as árvores sacudidas darão medo.
Ah! os meus olhos brilharão, procurando
a Morte que quer entrar no meu quarto.**

**Os meus olhos brilharão como os da fera
que defende a entrada de seu fôjo.**

O M

**Senhor, acreditei nos deuses
de bronze e descrei de Vós.
E Vossa Omnisciência não
Senhor, dirigi meus passos
e minhas mãos se macularam.
E Vossa Omnipotência não**

Senhor, como quereis agir

A S C A N I O

I T O S

AS ESTRELAS

Ele enamorou-se das estrelas e quiz possuil-as.
 E começou a construir uma torre para alcançal-as.
 Mas quanto mais a torre crecia no ar
 mais longe ficava o céu inatingível
 e as estrelas cada vez brilhavam mais.
 Um dia, quando a torre estava enorme, fina, alta
 e o céu tão longe e as estrelas tão altas
 elle desanimou e poz-se a chorar.
 E debruçou-se no alto da torre alta.
 Mas deu um grito de dor
 porque, lá embaixo, embaixo, as estrelas brilhavam mais
 no espelho das aguas paradas.

MÃO

ses de ouro e

s.

me iluminou.

para o mal

am no sangue e no furto.

me deteve.

ora condemnar-me?

L O P E S

A S C A N I O

Nós tínhamos precisão de levantar cêdo pra assistir às primeiras aulas. O encontro se dava quasi sempre na Avenida e então a gente ia proseando e chutando distraidamente tudo quanto era de chutar pelo caminho afóra.

Ascanio não carregava livros e ficava calado, escutando zombador as conteras ou mexendo com os outros, de vez em quando. E ria muito, que êle gostava muito de rir.

Eu tinha inveja das suas pernas ligeiramente cambotas—indício certo de notaveis qualidades futebolescas—e, sem que ninguem desse por isso, entortava um pouquinho as minhas gâmbias tambem, olhando sempre com sofreguidão prá bolinha de pano que empinava o bolso dêle. Nêsse tempo eu chocava uma partida de futeból, acho que por causa de Ascanio. Mas nem eu nem êle nunca demos direito prá coisa. Principalmente eu que sofria como uma bêsta, chegando em casa todos os dias arranhado, escalavrado, cheio de caneladas, porêm glorioso por todo mundo se admirar da minha falta de mêdo. Ninguem avançava no dono da bola, lá muito posudo na sua posição de béque. A única coisa que lhe acontecia era bater o sinal e êle entrar na aula afoqueado, passando o lenço no rosto, um pouco atrazado por causa de ter custado a parar com o joguinho.

Então Ascanio se sentava, espichando o pescoço prá acompanhar a leitura no livro do visinho.

—Seu Ascanio Lopes, adiante.

Cruzava as pernas, tirava uma linhada em volta e depois, fincando o dedão grande debaixo do queixo e alisando com os outros dedos a testa e a sombrancelha cerrada, lia com uma vóz de quem está sendo chatiado:

D. Diègue

*Ô rage! ô desespoir! ô vieillesse ennemie!
N'ai-je donc tant vécu que pour cette infamie?
Et ne suis-je blanchi dans les travaux guerriers
Que pour voir en un jour flétrir tant de lauriers?*

—Seu Peixoto não está prestando atenção, não é? Adiante! Já não falei que não quero conversas aqui dentro?

Ascanio lá na cadeira dêle fungava, segurando o riso com o lenço, gosando como um perdido a bruta chamada.

P E I X O T O

A S P I R A Ç Ã O

DE tardinha, assim pelo crepusculo,
os cotovellos esfolando o parapeito,
o polegar direito entre as paginas rabiscadas
do romance tão triste emprestado por elle,
os olhos sem pupillas virados pro infinito,
ella pensa, com mêdo de assumptar,
que pensando bem não éra máu
que elle, aliás tão bonzinho,
mudasse de repente,
e equalzinho ao Octavio do livro,
ficasse capaz de fazer ella soffrêr
todas aquellas desgraças dolorosas tambem.

WALTER BENEVIDES

POEMA PARA MANOEL BANDEIRA

No terreiro daquela casa,
daquella casa isolada, perdida no mato,
só tem roupa preta estendida, secando:
palitósinhos de meninos que não com-
preenderam bem o que
aconteceu,
miniaturas de vestidos,
lenços de tarja,
e umas roupas grandes, de serviço, do
dono da casa.

E' que um urubú, Manoel Bandeira, pou-
sou na cumieira daque-
la casa...

H e n r i q u e d e R e s e n d e

O MAL DO PARNASIANISMO

TRES POETAS

Bein pensado, o mal dos parnasianos, do ponto de vista psychologico, foi um mal de cansaço. Fadiga de themas explorados. Enfado de rimas selectas. Esgotamento do esforço em pról de uma belleza que, sem ser a Belleza, tinha todos os visos da approximação... Luiz Delphino, Raymundo Correia, Luiz Murat, Alberto de Oliveira, Olavo Bilac, sem hierarchias classificatorias, padeceram desse mal que lavrou, como escola, longo tempo, na cadeia de nossa evolução litteraria. Cansaram todos. Olavo Bilac, então, chegou, nos seus ultimos arrancos lyricos do "Tarde" a confessar, estarrecido, em frente da cidade inviolavel do perfeito.

Nunca entrarei jámais o teu recinto :

*E, á noite, á luz dos astros, a horas mortas,
Rondo-te, e arquejo, e choro, ó cidadella!
Como um barbaro uivando ás tuas portas!*

Se não era um grito sonoro de renuncia aos moldes exhaustos do parnasianismo que começava agonizar, era, tacitamente, um appello á "delicia das coisas imperfeitas", como aquelle de Ulysses, de Eça, em face de Calipos. Mais humano, portanto. De outra parte, o vizo do rebuscamento emphatico entrou por dissimular-se entre os eternos imitadores de todos os corypheus. Daquelles mestres, que marcaram época, surdiu uma familia innumeravel de perfeccionantes do verso, com tanta e tamanha furia copista, que tornou mais intoleravel, pela monotonia rithmica, o typo das estrophes equilibradas em alexandrinos solennes, com arrastamentos melodicos de realejo de cegos. Não era possivel durar a monomania da perfeição. Tinha que falhar o culto extremo da palavra rara. Tanto mais quanto, a titulo desse culto, aliás perdoavel, nos grandes, pavonearam as gralhas do parnaso, matraqueando tropos que não passavam de ecos daquellas tubas magestosas. Se alguns, por índole sincera de enamorados da arte pela arte, venceram louros, não quer isto dizer que valham ainda os processos creados pelos iniciadores, que fizeram o seu possivel, encheram o seu mundo, lavraram o seu tento. Não é mais para ser seguidos, nem imitados. Creio mesmo que não ha no momento quem escreva versos com propositos de perfeição. Está provado que a poesia não está ahi. Não está propriamente no verso. E não é verdade de hoje. Já Ramalho Ortigão, estudando Casimiro de Abreu, no afan de justificar um poeta inferior a certas razões e, por outras, superior, teve evasivas que valem verdades irrefutaveis. Dizia o critico, discernindo o capricho e a espontaneidade do trabalho mental: "A creação intellectual pôde em tal conjectura não ser rigorosamente metrica, mas poetica ha de ser, por força. É antes isso: antes a poesia sem o verso do que o verso sem a poesia; antes verdadeiramente poeta pelo coração do que eximio versejador pela cabeça." O facto é que ha poesia tambem no capricho das formas intellectuaes. E não foi outra a poesia parnasiana. Mas poesia que cêdo se esgotou, como tudo que não colhe das fontes natu-

raes do sentimento commum. Aquella é a poesia dos raros. Essa, a poesia de todos. Em nome dessa é que pleiteiam os estilizadores de assumptos populares. Sobre-tudo, os modernistas que repellem os acurados tons aristocraticos da forma parnasiana, para adoptar, mais ou menos modificadas, as formas symbolisticas, de que derivam, como em artigo mais largo, já tive oportunidade de apontar. Para exemplificação do que fica dito, tratemos, hoje, de tres poetas que, diferentes nos seus temperamentos e distanciados nas suas technicas, comprovam o estado evolucionar da poesia dos eximios versejadores para a dos simples poetas espontaneos. São elles Roberto Gil, com o "Verbo das Sombras", Ernesto de Albuquerque, com o "Intermundios", e Rosario Fusco, com o "Fruta de Conde"

ROBERTO GIL (Rio)

Com o chamar de eximio versejador a um poeta que tem os meritos intellectuaes de Roberto Gil, não desprimoro em nada a natureza dos seus cantos. Não é traçar categorias nomear os poetas por mero desejo de methodo. Bellos, pôdem ser bellos, todos os versos, a cada consideração do seu tempo. "Verbo das Sombras", por exemplo: poemas de Roberto Gil, publicados na época dos parnasianos, estudados á luz dos credos vigentes da escola, são bellos, por que não? São até perfeitos. Não ha, desse ponto de vista, que censura-los no rigor da metrica, no aprumo das linhas, na excellencia dos motivos. E, ainda, sobre trabalhados a buril, revestem côres estranhas de uma aspiração pouco achadiça entre os proprios cultores da mesma esthetica. Apenas não excedem, posto que não raro igualham, aos primores artisticos dos mestres do genero entre nós. Esta desvantagem que colloca os discipulos em situação de nunca ultrapassarem os mestres, pesa no destino dos que, por inadvertencia ou incompreensão da nossa hora, ainda queiram reviver formas extinctas da arte do verso. Tudo evoluciona. E aquellas "bellezas" pararam em attitudes de estatuaria de museu. Sobre immoveis, são inimitaveis. Sobre fixadas, são inexcediveis. Para que então insistir na copia das curvas divinas? Os grandes "achados" não se repetem. Principalmente, em arte. Ficam sós, unicos, solitarios. Roberto Gil, porém, tem uma grande hypothese a seu favor. E' que os seus versos, conquanto editados agora, não parece foram agora escriptos. O desaccordo apparente de sua sensibilidade com o gosto dominante da poesia actual, está, portanto, num retrato do tempo de publicação. Causa material. Insignificante causa, que é bem possivel desaparecer com uma nova colheita de versos feitos a moderna, o que não é improvavel pela força creadora do seu engenho poetico, certamente capaz, e com grandes vantagens da experiencia lyrica, de produções que valham os louvores coherentes da nossa época de transição. São os nossos votos.

ERNESTO DE ALBUQUERQUE
(Pernambuco)

Ernesto de Albuquerque, figura exemplar de pen-

sador em versos, também claudica do mesmo atrazo estético de Roberto Gil. E o mesmo se disse de Roberto, quando a beleza á luz do seu tempo, se pôde dizer de Ernesto. Ambos. parnasianos. Ambos, adoradores da forma impecável. Iguaes em escola, mas diversificados em planos de inspiração. Pois enquanto Roberto escolhe as "sombas" para os seus motivos, Ernesto prefere os "astros" para os seus vôos. Ha nisso um merito de distincção, que muito as honra. Nem as "sombas" conseguiram abafar os brilhos de talento de Roberto, nem os "astros" chegaram a cegar os sentidos de Ernesto. Sem trocadilho, podemos concluir pelò fulgor das "sombas" de um contrastando, com as sombas dos "astros" do outro. Porque Roberto é agil, é crente, é optimista, e Ernesto é moroso, melancol'co, pessimista. Não sei dos dois quem mais tem razão no paradoxo das coisas. Se Roberto, quando "sombro" descreve alegrias, se Ernesto, quando "astral" descreve "tristezas". Sei que ambos valem como interpretes de antinomias irreconciliáveis, ora de ordem subjectiva, quanto ás preferencias de formulas anachronicas de versejar, ora de ordem objectiva quanto á escolha de rumos oppostos de plasticização poetica. Ernesto é um altanado sonhador de mundos. Chamam-se-lhes os versos de "Intermundios". Titulo bem adequado. Nem mais, nem menos que a meldura exacta de um observador do "universo astronomico", que chega a nomear, alto, num dos seus lyricos arroubos:

*Nos sidereos confins inaccessiveis
Pervagam nebulosas verdudeiras
E falsas nebulosas reductiveis,
Como bando de nevoas forasteiras.*

*Mas aquem, os esphericos planetas
Entre as alternativas dos eclipses,
Delineiam nas orbitas secretas
O traçado invisivel das ellipses.*

*Como um throno vasto, soberano,
Em seu percurso natural diuturno,
Estão Marte, Neptuno, Terra, Urano,
Mercúrio, Venus, Júpiter, Saturno.*

Nem sempre, porém, fica a sua arte nessa singela enuneração "astral". O poeta possui a nevrose das alturas, mas não deixa de ser introspectivo:

*Mas o meu ser nesta razão se encerra:
— Ter vagando no espaço o pensamento
Subordinado ao coração na terra.*

Está-se vendo que ha na poesia de Ernesto de Albuquerque intenção philosophica. E sobrasse espaço, teria gosto em demonstrar que philosophia de bom quilate. Porque inspirada da dôr humana, de que seu estro se faz interprete em varias das suas melhores produções. Sinceridade que captiva pelo sabor de pureza em que se expande existe a valer na maioria dos poemas de "Intermundios", "Phantasia", "Diva", "Scismas", "Anathema", "Do Alto", "O Problema", são titulos de honra para um poeta parnasiano. Para um modernista, não. Questões do tempo...

ROSARIO FUSCO (Minas)

Ora, vejam que alegrão confortavel de ritmos liberrimos nesses versos de Rosario Fusco, o menino de oiro da poesia nova de Cataguazes:

*De derredor os matos cochilavam no sereno
com a madrugada de coqueiros altos abanando.
Nem um pio de caboré. Só um ventinho do norte
acalentava o sono dos biguás.*

E' a paisagem brasileira num traço. Cheira a folhas verdes molhadas de orvalho nocturno. Cheira bem como os recantos tranquillos de fazenda. Rosario Fusco interioriza no verso um mundo de emoções nativas. Bom, como poucos. Para evocar o mato, o rio, a serra, a gente, a villa, todo o nosso lindo bocado de terra florida, corre, salta, vôa por cima de canones estheticos, estilismos e canceiras theoricas, bolindo nas aguas que cantam, assombrando os ninhos, solapando as arvores, despencando os frutos. Sae agóra com uma "Fruta de Conde" em punho, ainda fresca e nova dos ramos piolados da selva. Um prazer essa "fruta":

*Você se lembra, Rosa,
da casa da gente em São Geraldo?
(o terreiro limpinho...
a gangorra... o arará...)*

*Você se lembra, Rosa,
dos brinquedos engraçados de nós dois?
(eu era o marido
você a mulher...)*

*Você se lembra, Rosa,
do dia do casamento da boneca
de você
na casa de vovô, perto do rio?*

*Você se lembra, Rosa,
do circo que fizemos no terreiro?
Naquella noite de frio
você vestiu meu palitô
e desandon a rir átôa!*

*Em sei muito bem, Rosa,
que você se lembra disso tudo.
Que bom — não é Rosa? —
a gente se lembrar...*

Para que maior naturalidade em poesias evocativas da infancia? Ha, ainda, outras, como "Maria Estradeira", "Poema", "Lyrica" e as duas "Fazendas", que são trechos flagrantés da natureza em fórmula de arte moderna. Rosario Fusco, dia a dia, cresce no prestigio magico de surpreender novos aspectos da lyrica ensaiante do momento. "Fruta de Conde" é mesmo um dos melhores e mais saborosos frutos dessa renovação Typicamente brasileira. Brasileirissima.

C a r l o s C h i a c c h i o

FEIRA DE AMOSTRAS

POESIA

Sim, a delicia da vida, apesar de tudo, é sempre a infancia. E a infancia vive em nós, por toda a vida. Não é só aos dez annos que temos dez annos. Em todas as idades podemos ter dez annos. Porque a infancia continúa a viver em nós. Não é o tempo que a consome. Somos nós, muitas vezes, somos nós quasi sempre que a não sabemos preservar. E que matamos em nós a criança que vive na sombra. A criança que só pede um pouco de liberdade, um pouco de esquecimento do adulto, para voltar a sacudir a arvore dos frutos pêcos, com que os annos cobrem a nossa vida. A criança que deixamos viver trancada em nós, entre as quatro paredes das coisas asperas, das coisas tristes, das coisas frias, com que vamos murando lentamente a nossa infancia, reclusa, sim, mas não perdida.

O homem é uma criança que se ignora. E dahi o que ha de immenso nesse immenso paradoxo christão de adorar na Criança a suprema verdade. Nós mesmos, inuteis pesquisadores de verdades parciaes, capturadores de raios esquivos de belleza, que vivemos a distillar essencias raras á procura de perfumes estranhos de outros ares ou então, pelo contrario, a mutilar dia a dia as azas que pedem espaço, e vento, e azul,—nós vemos quando muito na infancia a belleza encontrada, ou a doçura perdida ou a saudade ou um consolo.

Mas quando subimos, quando forçamos os circulos de limitação quando chegamos á plenitude christã—que para tantos que não querem ver é uma restricção de realidade — sentimos como ainda é pouco o que sózinhos conseguimos e que ha na criança, na claridade infantil, qualquer coisa de mais alto que o simples encanto da graça e da belleza: o encanto da verdade.

Mas a poesia, que é em nós a preservação da infancia, a poesia o que procura é justamente esse milagre de renovação pela graça e pela frescura.

A poesia, que é o inutil em nós, quando tudo nos fala da utilidade de tudo... A poesia, que é a necessidade do superfluo, quando só pensamos em coisas necessarias... A poesia, que é o tempo perdido quando vivemos a roer o tempo do somno para ganhar tempo. A poesia, que é

o sorriso, quando tudo é grave em volta... E tambem que só se sente grave quando tudo ri em torno della. A poesia, que... nenhum poeta sabe o que é, que foje quando tentamos definil-a, que nos persegue quando não pensamos nella e escapa de nossas mãos quando justamente pensavamos captural-a. Que é um momento feliz do espirito, uma aza capturada ou livre ou ferida. E sempre, no fundo, a janella que abrimos no quarto em que dorme a criança interior. E que tantas vezes é silenciosa. E tantas vezes se fecha entre rêde subtis, em laços que só alguns raros sabem desatar, e que a maioria não vê, e que a maioria não sente e nega a pés juntos que um laço tão cego possa esconder alguma coisa de tão luminoso... (Ler é muitas vezes a arte de desfazer nós cegos).

E a poesia é tambem, quasi sempre a arte de refazer o mysterio que a vida desfez. Porque ella é sempre qualquer coisa de avesso ao sentido da vida. Não ao senso da vida. Mas ao sentido, isto é, á direcção da vida. A poesia não é uma cessação da vida. Ao contrario. O poeta não faz parar a vida. Accelera a vida. Mas accelera, remontando o curso da vida. A poesia não segue a direcção do tempo. Ella é justamente a forma mais subtil de voltar ao arrepio do tempo. De subir a corrente. De refluir para a fonte. De negar, portanto, essa unanimidade intima com que caminhamos para o prosaismo, para o envelhecimento, para a chrystalização.

PIRANDELLO

Pirandello é o mais inhumano dos homens. Para Pirandello o homem não existe. Não no sentido em que não existia para Joseph de Maistre. De Maistre, como tambem Gobineau, dizia ter encontrado em sua vida muitos francezes, muitos allemães, muitos russos, mas nunca ter encontrado—o homem.

Pirandello vae além. Não encontrou nem mesmo esse homem-nação:—francez, russo ou allemão; nem mesmo o homem-profissão:—pedreiro, banqueiro ou estadista; nem mesmo o homem-caracter:—intellectual, affectivo ou artista. Pirandello nunca encontrou homem de especie alguma.

O homem para elle é um mytho. O homeni

é uma abstracção. O homem não existe para Pirandello. Só existem os estados de espirito.

E nisso está, talvez, a maior originalidade do seu theatro, e de toda a sua obra, em geral. Toda a tragedia antiga, todos os mysterios medievales, todo o drama classico, todo o theatro shakespeariano, todas as peças romanticas, naturalistas ou symbolistas são fundadas sobre a existencia do homem. Escravo da Fatalidade, na Grecia; servo de Deus, na Idade Media; dilacerado de paixões, no seculo XVII; na plenitude de sua humanidade complexa, com Shakespeare; alandose na hypertrophie do seu «eu», com o theatro romantico; reduzido a um elo na cadeia do determinismo da natureza mais sordida com o naturalismo; pairando em imagens e reticencias subjectivas com o symbolismo;—sempre, ao longo da historia literaria, o homem existiu no centro, na base, ou no segundo plano da obra de arte. Mas sempre existiu. Foi sempre—o homem. Foi mais ou menos homem, mas nunca deixou de o ser.

Com Pirandello a coisa mudou. O homem desaparece. Não para que os homens desapareçam. Não para que appareça, como na pintura, uma natureza morta ou o mundo de outros seres. Rostand,—o «art-nouveau» do theatro de ha vinte annos, ephemero e vasio como o «art-nouveau» da architectura dessa época sem personalidade com que se abriu este nosso allucinante seculo XX,—Rostand tambem fez uma peça só de animaes. Como Maeterlinck, de seres irreaes. Como Gil Vicente punha em scena Virtudes e Vicios. O que Santo Anchieta transportou para as nossas selvas.

Sim. Podemos encontrar ao longo de todo o theatro humano esse apparecimento de outros seres, de outras encarnações de qualidades moraes, de outras especies animaes em scena.

Mas o que Pirandello fez não foi isso. Elle anniquilou o homem, não por abolir os homens, mas desarticulando de todo o ser humano. Todos os romances de Pirandello, todas essas suas admiraveis novellas curtas, que constituem a estrutura fundamental de sua obra, todo o seu theatro assentam nessa completa desarticulação do homem. O homem desaparece para apparecerem em seu logar os fragmentos do homem. O homem passa a ser um mosaico. Desapparece o ser organico e funcional; desaparece o ser composto de alma e corpo, desaparece a unidade, a fusão, a concatenação, para surgirem apenas os blocos do mosaico humano.

Seria, porém, muito simples e muito ingenuo se apenas fosse isso. Mas o homem, que Pirandello anniquila não se resigna a essa suppres-

são. Elle assiste á sua propria desarticulação, mas não se submete a ella.

E dahi a tragedia do homem pirandelliano. Pois queiram ou não os seus detractores, como os detractores de Proust,—já se pode hoje falar de um ser proustiano, ou de um ser pirandelliano, como se falava de um caracter cornelianiano ou de uma heroina raciniana.

Se o homem pirandelliano não é todo o homem moderno, longe disso,—é uma parte do homem moderno, o mesmo que Proust dissecou impiedosamente, o mesmo que Freud revelou em suas sondagens. O erro, como sempre, é tomar a parte pelo todo. É generalizar logo. Como hoje em dia se faz a torto e a direito.

Um dos caracteres de nossa época é justamente a facilidade com que se universalizam todas as coisas. Um homem atravessa voando o Atlantico. Logo se precipitam cem outros para fazer o mesmo. E é a hecatombe.

Out'ora, nos tempos em que não havia Liga das Nações, nem pactos de não aggressão, nem promessaa lyricas de paz universal, nem radio-telephonia,—as guerras se faziam entre exercitos profissionaes como um jogo de xadrez quasi polido, sem que os homens alheios ás armas se importassem muito com as vicissitudes da guerra quasi permanentes. Hoje, quando os homens se amam lyricamente, quando toda a sorte de congressos aproxima dia a dia toda a sorte de homens, e vivemos todos em familia nesta terrazinha de distancias insignificantes,—as guerras são cataclysmas univarsaes. E o ultimo projecto de conscripção militar do partido socialista francez, o partido da religião do progresso, propõe a mobilização total, inclusive mulheres e crianças! Suppõe-se acabar com as guerras pelo excesso do seu horror. Assim como quem cortasse a cabeça para curar uma dor de dentes.

O que se dá hoje com o sport, ou com a politica internacional, dá-se tambem com as idéas. Freud, por exemplo, faz analyses interessantissimas do sub-consciente. E revelou a predominancia sensível do instincto sexual, coisa aliás que a Igreja sabia ha muitos seculos, pois nos confissionarios de uma capella passam diariamente mais revelações da alma humana, que em todas as experiencias psycho-analyticas publicadas pela «Imago», desde a sua fundação.

Freud, porém, só via as novas verdades que descobrira e passou de um jacto do sexualismo ou pansexualismo. Pois, desde que o Grande-Pan merreu, começaram a pullular os pequenos pans...

O que se deu com Freud dá-se diariamente com todas as idéas que surgem, a cada minuto,

neste nosso mundo exasperado, que de tantas idéas que tem já não sabe como pensar.

Tal e qual os homens de Pirandello.

O erro de Pirandello será o de todos nós. Querer fazer de nosso canto todo um universo. De nossa verdade, toda a verdade. E' Pirandello voltando-se contra si mesmo. E' Pirandello anniquilando-se pelo proprio extremo de sua observação. Prova demais e portanto prova contra as proprias provas.

O relativismo do homem-mosaico, do homem-momento, do homem-estado de alma, querendo generalizar-se, querendo converter-se em absoluto, nega-se a si mesmo.

Se os homens fossem apenas aquelles seres contingentes, contradictorios, inatingiveis que Pirandello nos revela, se «o homem» realmente não existisse como um universo dentro do universo, como um todo dentro de outro todo, e não simplesmente como parte desse todo exterior,—então Pirandello não teria originalidade alguma. Errando é que Pirandello acerta. E' porque os homens não são apenas o que Pirandello nos diz do homem, é porque o homem pirandelliano não é «todo» o homem, e sim a excepção, por isso mesmo é que a arte de Pirandello tem razão.

E dahi deriva, como disse, a tragedia do homem pirandelliano.

E' porque mesmo no theatro ou no romance pirandelliano, o homem guarda a consciencia de si mesmo, que não ha apenas paradoxo e artificio nessa arte de artificios e paradoxos.

O homem é a um tempo unidade e multiplicitade. Desde que o homem medita sobre si, que procura resolver esse insolvel. Discutem os philosophos hoje em dia em torno do «Parmenides» de Platão como o proprio Platão discutiu o problema do Uno ou do Multiplo.

Supprimir qualquer desses dois polos humanos seria mutilar o homem.

O que hoje em dia se faz, o que ha na arte de hoje muitas vezes, como se vê em Proust, em Joyce, em Fargue ou nesse mesmo Pirandello, é a observação mais attenta do multiplo, quando até hoje se pensou mais vivamente em observar o uno. O homem não desaparece nem se artificializa, por se conhecer. Embora seja certo que começamos a nos conhecer demais, ou a pensar que começamos a nos conhecer demais. É assim por deante. O homem de hoje pensa demais. Ou pelo menos, ha um homem, hoje em dia, que pensa demais e que acaba descobrindo que o pensamento puro é uma cadeia sem fim. E que, se o que faz a liberdade do homem é justamente essa possibilidade de pensar e sentir sem fim, o que faz a sua grandeza é descobrir um fim ao

pensamento e ao sentimento. E converter em «acção» o pensamento,—applicar a um objecto, a um ser, a uma «essencia», emfim o sentimento.

Pirandello, portanto, está no limite do «poncif». A's vezes em pleno. Todas as verdades parciaes se convertem em «poncif» ao pretendem converter-se em verdades totaes. Assim o relativismo psychologico de Pirandello. A sua negação da immanencia e da transcendencia. A sua delectação na apparencia.

Digo mal, aliás, delectação. Todo o theatro, toda a humanidade pirandelliana, é perfeitamente, é essencialmente—tragica. Não ha prazer algum nessa permanencia no desarticulado. Nessa vertigem dos limites da razão. Ha sempre a consciencia terrivel de uma terrivel tragedia interior.

O mundo pirandelliano,—e talvez por isso é que o sinto tão profundamente, é que hoje como ha quatro annos repito que nada, no palco, despertou em mim um tal sentimento de angustia como esses «Seis Personagens em busca de Autor», que marcam um momento capital no theatro de todos os tempos e de todos os povos,—o mundo pirandelliano é um mundo abandonado.

Não um mundo que se abandona. O homem quotidiano, o homem despreoccupado, o homem pae de familia honrado ou filho de familia desatrelado, o homem que ainda hoje em dia pode rir-se, sem sentir no fundo do espirito um ranger de caveiras,—esse homem bemaventurado sim é o homem que se abandona, que se deixa ir, que vive, como dizem as personagens de Valery Larband, «a godersela».

Não é de fórmula alguma o homem pirandelliano.

Este não, não se resigna ao abandono. «Sente-se abandonado», o que é coisa muito diversa. E a tragedia é muito maior. Vê a contingencia em todas as coisas. mas não se resigna á contingencia. Vê o accaso, como um louco inconsciente, distribuindo golpes ás cegas e não acredita no accaso-Accaso. Vê a obliquidade fatal dos instinctos, mordendo todo o «puro» do universo como um acido morde o mais puro dos aços, e não se submete ao instincto. Vê a alegria maculada de dissolução, vê os impetos mais desinteressados em perpetua dilaceração reciproca, vê os homens fechados entre si, fechados em si mesmos, incompreendidos e incompreensiveis, vê tudo isso, vê todo esse abandono, e no entanto não pode mais entreabrir se num sorriso de desprendimento e quando ri, é de esquecimento ou de sarcasmo.

O homem pirandelliano é esse ser que se sente abandonado. E dahi o que ha de terrivel-

mente tragico no fundo de todo esse fogo de artifício.

Sim, a arte moderna, no que ella tem de menos intencionalmente moderno, isto é, a arte que nasce realmente do nosso tempo, desta época assombrosa que vivemos,—essa arte que é um romance de Waldo Frank ou uma peça de Pirandello, um poema de Léon Paul Fargue ou uma pagina de Joyce, um conto de Virginia Wolf ou uma novella de Julien Green, toda essa arte animada, como bem disse Robert Honnert «de révolte et de pureté», desde o dogmatismo mais orthodoxo de Maritain, até as imprecações mais blasphematorias de Louis Aragon, no «Paysan de Paris» ou de Henri Lefebvre nas paginas revolucionarias do «Espirit»—todo esse pensamento toda essa arte moderna, que os criticos superficiaes chamam de exgotada, ou de falsa, ou de insensível, reflecte esse terrível sentimento de abandono que nos mata. E' uma arte profundamente grave. Uma arte profundamente tragica.

Os mais fracos, toda a mésse dos inquietos ou dos delicados, bem como toda a fauna dos personagens pirandellescos, ficam na angustia incessante desse isolamento, dessa dilaceração, desse abandono. Os mais fortes reagem, triturando-se ou triturando os demais. Mas nenhum deixa de sentir em si essa onda que parece por vezes asphyxiar o homem moderno.

Pirandello, portanto, não é o artifício, não é o paradoxo. Pirandello, como disse admiravelmente o seu melhor biographo, o «melhor» no dizer do proprio Pirandello em entrevista que dava aqui ha poucos dias («Walter Starkie».—Luigi Pirandello. Londres, 1926, pgs. 229 e segs.) é—«a fallencia do super-homem». Starkie mostra como a analogia que geralmente se encontra entre Pirandello e Shaw pode ser apenas uma analogia de contrarios. Shaw é um homem que acredita na natureza, no homem, no mundo, no progresso,—«his wit is Puritan, for it is painfully conscious of the final fact in the universe». Ao passo que Pirandello só vê a inconsistencia por todos os lados,—seu mundo é formado pela deusa do accaso. E Starkie lembra, para applicar aos dois dramaturgos, a comparação feita por Chesterton no seu livro sobre Shaw: «O homem que vê a consistencia em todas as coisas é um homem de espirito («is a wit») e um Calvinista. O homem que vê a inconsistencia nas coisas é um humorista e um Catholico».

Pirandello é a fallencia do super-homem, no seculo XX, como Spengler é a fallencia da super-

cultura. O seculo XIX acreditou no progresso indefinido «do homem» e da «sua» civilização. Hoje ainda ha muito quem acredite no progresso indefinido do «homem» e da «civilização». Mas não ha, ao menos entre os que pensam e os que vivem, quem acredite no progresso indefinido do homem e da civilização «do seculo XIX».

E da mesma fórma que Spengler quebrou essa illusão da linha recta em que vivia a super-cultura do seculo passado, Pirandello quebrou a illusão da estabilidade do super-homem desse seculo. Um desmontou o orgulho de todo um mundo de idéas, o outro desarticulou a prentensão de toda uma architectura humana.

E não ha arbitrio algum em approximar o propheta da decadencia da super cultura occidental do propheta da decadencia do super-homem occidental, pois ambos, além do mais, professam a mesma philosophia da contingencia, como diz Spengler:—«A humanidade não tem nenhuma objectivo, nenhuma idéa, nenhum plano, como não o têm as especies das borboletas ou das orchydeas. A humanidade é uma palavra vasia» (Die Unt. des Abendl. I, 28). Tal e qual Pirandello.

Terão ambos ido além do seu objectivo, e errado profundamente, por excesso, sou o primeiro a reconhecer. Terão ambos levado ao extremo a mania da generalização, tão nossa, tão seculo XX.

Mas o incontestavel é que tanto um como outro quebraram uma estructura que parecia eterna, e nos deixaram perplexos, desesperados mas, talvez, quem sabe, mais humanizados pela supressão de uma fé excessiva no «Homem» e na «Cultura». Estaremos talvez mais proximos do homem culto, depois que deixamos de crer no dogma intangível do Super-Homem e da Super-Cultura. E, sobretudo, mais proximos talvez da Verdade.

TRISTÃO DE ATHAYDE

Fica, com a transcrição que hoje oferecemos aos nossos leitores dos capítulos "Poesia" e "Pirandello" extraídos dos "estudos" (2ª. serie) de Tristão de Athayde, inaugurada a nossa feira mensal de amostras dos melhores livros de autores nacionais que nos forem remetidos, além da apreciação que deles faremos na competente seção.

Pretendemos, com isso, contribuir—embora modestamente, para a mais intensa propaganda do livro brasileiro; não só entre nós, mas também—e principalmente, em todos os demais países sul-americanos onde "verde" circula.

N. da R.

SANATORIO —poemas inéditos de Ascânio Lopes— aparecerá brevemente em primoroso volume, editado por “verde” e acrescido (além das paginas de saudade que ora publicamos em homenagem ao morto querido) de um pequeno estudo sobre o poeta, notas biograficas etc.

JOSÉ DE ALENCAR

Passou a 2 de maio o centenario do nascimento do grande romancista brasileiro, José Martiniano de Alencar. Para nós outros que alentamos a mesma inquietação natural, a mesma ansia de brasilidade que foi a constante obsessão do maravilhoso poeta de *Iracema*, não poderia passar despercebido esse grande acontecimento.

Paisagista abominavel, mas sempre imaginoso, Alencar foi um esbanjador de pensamentos admiraveis em pessimo estilo de comparações quasi sempre infelizes, como era o seu. E si, pela força de poetar, perderam suas personagens muito da realidade, ganharam, de outro modo pela facilidade com que as retemos na memoria.

Pery, Cecy, Iracema são typos imortaes, que valem por si sós, sem ezagero, toda uma literatura.

Não fosse, porem, Alencar o animador dessas figuras e, talvez, a essa hora—já o teriamos esquecido...

LEIA

fruta de conde

JACKSON

... Jackson de Figueiredo possuia a suprema alegria de admirar. Este prodigio de emoções jamais teve a mesquinhez de negar o testemunho da sua admiração aos escriptores e artistas, de que estava separado pelos idéaes. Entendia-se com elles em uma infavel zona de sensibilidade esthetica.

Tal homem, tal pensador, tal escriptor, faz uma falta consideravel á intelligencia brasileira. Era um extraordinario estimulante intellectual. Os seus proselytos perderam um chefe maravilhoso, incomparavel no fervor da acção. Os seus antagonistas não terão mais o encanto quotidiano dos seus escriptos de circumstancia, em que se consubstanciava uma doutrina dogmatica, forte, esplendidamente organizada, a provocar a replica e o perpetuo debate.

Para os seus amigos que melancolia na saudade de tanta mocidade, de tanto fulgor, de tanto coração.

GRAÇA ARANHA

M O V I M E N T O

A proposito das *notas de Cataguazes*, publicadas por Henrique de Resende em n.º d' *O Jornal* de 7-4-929, Mario de Andrade escreveu no *Diario Nacional* de São Paulo (n.º de 9-4-929) as seguintes palavras que achamos oportuno transcrever:

«Henrique de Resende, pelo numero de domingo d' "O Jornal", teve um geitinho de perguntar si eu estava de acôrdo com ele a respeito da possivel influênciã exercida por um escritor paulista sobre os poetas modernos de Cataguazes. Estou.

O que eu censuro é Henrique de Resende estar perdendo tempo com mesquinharã tamanha. Isso não é assunto com que a gente se amole em jornal. Simplesmente porquê não tem importancia nenhuma. Não é possivel a gente conceber a formação dum espirito sem influências, fructo unicamente de Cataguazes como existe influênciã dos moços de Cataguazes leis de psicologia. Quanto á originalidade, si historicamente ella é duma importancia capital na evolução das artes, ella não tem nenhum valor conceitual na verificação da obra-prima. E pensando no diluvio de espiritos que nem bem surgiram, desapareceram já, sem dar o que prometiam ao movimento moderno brasileiro, tenho certeza que pra muitos foi a vaidade pifia de originalidade que os desarmou. Se calaram por uma deficiência que era falsa!

Existe influênciã do tal escritor paulista sobre os moços de Cataguazes como existe influênciã dos moços de Cataguazes sobre êsse escritor paulista. Maior do que imaginam, muito maior. E mais elevada principalmente, não se resumindo a uma simples e desimportante aceitação de cacochetes gramaticais. Essa influênciã reciproca foi a bonita das amizades sinceras, carteadadeiras, cheias de sinceridades, até brutas certas feitas. Isso foi o que o mundo não poudo ver e não gosou.

Porê m o que o mundo não viu e podia ver é que tambem o escritor paulista andou muito estudando os criadores de "Verde" Catou neles os boleios sinteticos e as vozes populares que essa rapaziada foi a primeira a registrar, e quando occasião chegou, andou tudo empregando nos escritos dele.

E si um ou dois moços de Cataguazes numa ou noutra poesia ficaram exatinamente o escritor paulista escrevendo, quero saber só que importancia tem isso! Esses moços tal-e-qual to-

dos os moços do mundo, têm que sofrer a lei da espera. Si continuarem influenciados toda a vida, serão nulidades. Si fizerem originalidade á força, se cabotinisarão. Talvez movimentem um bocado a tunica da nossa Musa porê m não será por isso que lhe darão um pensamento a mais. Têm que esperar que nem eu mesmo esperei me debatendo num estreitissimo Primeiro Andar. E outros cabiculos inda mais inconfessaveis..

MARIO DE ANDRADE»

■
Está no prêlo o *Compêndio da Historia da Música*, de Mario de Andrade.

■
Alvaro Moreyra anuncia para já o aparecimento de *Circo* (poemas), edição Pimenta de Melo.

■
Por todo fim de julho ou principio de agosto sairá *Poesias de Henrique de Resende*.

O volume virá acompanhado de uma noticia historica sobre o movimento verde de Cataguazes—por Renato de Almeida, um dos mais illustres escritores da moderna geração brasileira.

■
Relativo aos mêzes de dezembro e janeiro acaba de sair o n.º especial (2 e 3) de arco e flecha—a revista dos novos da Bahia.

Publica: um esplendido artigo de Chiacchio, poesias de Carvalho Filho, Eugenio Gomes, Pinto de Aguiã, (deste tambem um magnifico *estudio*), noticiario etc.

■
A revista de antropofagia aparece agora ás quartas-feira como suplemento literario do *Diario* de S. Paulo.

Ao que soubemos a Phebo Brasil Filme de Cataguazes já iniciou os preparativos para a filmagem de *Sangue Novo*, sob a direção de Humberto Mauro.

Luis Sorôa que fez o galan de *Braza Dormida* terá papel secundario neste filme.

Perillo Gomes, é em homenagem a memoria de seu fundador—Jakson de Figueiredo.

Traz colaboração de D. Sebastião Leme, Contreiras Rodrigues, Ronald, Graça Aranha, Perillo Gomes, Tristão de Athayde, Claudio Gans, Augusto Schmidt, Tristão da Cunha, Tasso da Silveira, Murillo Araujo, Sergio Buarque de Hollanda, Afranio Peixoto e outros.

Onº de março d' *A Ordem* a esplendida revista de cultura religiosa que se publica no Rio de Janeiro sob as vistas de Tristão de Athayde e

Movimento Brasileiro já está no seu 5º nº Vamos!

B I B L I O G R A F I A

R E C E B I D O S

Tristão de Athayde: "estudos" Edição Terra de Sol—Rio—928.

Mario de Andrade: "Ensaio Sobre Música Brasileira" Edição Chiarato—S. Paulo—928.

Paulo Prado: "Retrato do Brasil" Edição Mayença—S. Paulo—928.

Tasso da Silveira: "Alegria Criadora" Edição Terra de Sol—Rio—928.

Alba de Mello: "Espelho de Loja" Edição Tisi—S. Paulo—929.

Guilhermino Cesar e Fco. Inacio Peixoto: "Meia pataca" Edição Verde—Cataguazes—928.

Martins de Oliveira: "Patria Morena"—S. Paulo—928.

Humberto Zarrilli—: "Libro de Imagens" Edição do Autor. Montevideo—928

Antonio de Alcantara Machado: "Laranja da China"—S. Paulo—928.

Ascenso Ferreira: "Catimbó" 2ª edição. Recife—928.

Mario de Andrade: "Macunaíma"—S. Paulo—928
Rosario Fusco: "Fruta de Conde" Edição de Verde—Cataguazes—929.

Carvalho Filho: "Rondas"—Bahia—928.

Manoel Maia Junior.: "da tristeza resignada"—Anta—Edição Rio—929.

**VERDE TEM AS SUAS PAGINAS ABERTAS A
TODOS OS NOVOS DO BRASIL E DO MUNDO.**

— ANUNCIE —
AQUI O PROXIMO
APARECIMENTO
DE SEU LIVRO

RENATO DE
ALMEIDA

MOVIMENTO
BRASILEIRO

REVISTA
DE CRITICA
E
INFORMAÇÃO

CONDE
DE IRAJÁ, 117
RIO

VERDE aparece
todos os meses

ANO — 11\$000

EX. — 1\$000

Toda e qualquer cor-
respondencia de ver á
ser dirigida a Rosario
Fusco cel. vieira, 53.

ALCEU AMOROSO
LIMA (T. de A.)
e
PERILLO GOMES

A ORDEM

REVISTA
DE CULTURA
RELIGIOSA

RODRIGO SILVA, 7

RIO

ALBA DE
NELLO

ESPELHO
DE
LOJA
CRONICAS

S. PAULO

1929

CARLOS CHIACCHIO
CARVALHO FILHO
PINTO DE AGUIAR

ARCO E
FLEXA

REVISTA
DE ARTE NOVA

BARRIS, 56

BAHIA



Atenção

Quando V S. precisar de
impressos feitos a capri-
cho, lembre-se da
A BRASILEIRA

de

CATAGUAZES

(editora de "verde")

FONE

55

Rua cel. João Duarte, 16 a 22